

VILÉM FLUSSER E A PÓS-MODERNIDADE, DILEMAS E ENFRENTAMENTO ¹

VILÉM FLUSSER AND POST-MODERNITY, DILEMMAS AND CORONING

José Maurício de Carvalho

RESUMO: Este é um trabalho sobre o contributo filosófico de Vilém Flusser e ele será desenvolvido a partir de dois eixos. O primeiro resume estudos sobre as causas da crise de cultura que vivemos, o segundo examina a proposta de enfrentamento dessa crise. Em resumo, o primeiro eixo contempla o diagnóstico, as razões da crise e a descrição fenomenológica da sociedade que surgiu com ela. Nesse eixo inicial estão os estudos sobre a pós-história e no segundo o tema é enfrentamento dos dilemas dessa sociedade. A crise de cultura se intensifica com as escolhas que levaram a Auschwitz. Para o filósofo, o surgimento do campo de concentração não foi fruto do acaso, mas a síntese da reificação das pessoas que integrou o processo de objetivação da realidade ocorrida na modernidade. O homem pós-Auschwitz foi denominado por Flusser de funcionário, ou melhor, um tipo humano próximo, pelo comportamento social, do homem-massa de Ortega y Gasset. Ele perdeu as crenças que o guiavam e agora, por suas limitadas capacidades intelectuais e sem perceber como viver, limita-se a fazer um trabalho técnico. A análise de Flusser sobre a sociedade de massas é uma boa atualização do pensamento de Ortega y Gasset, mas a sua proposta de superação dessa sociedade é frágil. Ele sugere a reconstrução da vivência intersubjetiva e da tradição humanista a partir de alguns programadores que burlam os programas vigentes.

Palavras-chave: pós-modernidade – cultura – filosofia - massas – funcionário.

ABSTRACT: This is a work on the philosophical contribution of Vilém Flusser and it will be developed from two axes. The first summarizes the causes of the cultural crisis we are experiencing, the second examines the proposal to face this crisis. In summary, the first axis contemplates the diagnosis, the reasons for the crisis and the phenomenological description of the society that emerged with it. In the initial axis are the studies on post-history and in the second the theme is facing the dilemmas of this society. The culture crisis intensifies with the choices that led to Auschwitz. For the philosopher, the emergence of the concentration camp was not the result of chance, but the synthesis of the reification of people that integrated the process of objectifying the reality that occurred in modernity. The post-Auschwitz man was called by Flusser a functionary, or rather, a human type close, in terms of social behavior, to the mass man of Ortega y Gasset. He lost the beliefs that guided him and now, due to his limited intellectual capacities and not understanding how to live, he limits himself to doing technical work. Flusser's analysis of mass society is a good update of Ortega y Gasset's thinking, but his proposal for overcoming this society is fragile. He suggests the reconstruction of the intersubjective experience and the humanist tradition based on some programmers who circumvent the current programs.

Keywords: postmodernity – culture – philosophy - masses – employee.

¹ José Maurício de Carvalho (Dr.), josemauriciodecarvalho@gmail.com, Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves – UNIPTAN /FUNADESP - lattes.cnpq.br/0631305118814377, Orcid: 0000-0002-3534-5338

Considerações iniciais

No último colóquio iniciamos a avaliação do legado intelectual de Vilém Flusser, filósofo theco-brasileiro que viveu no país por mais de trinta anos. Ele examinou, como fez a maioria dos fenomenólogos e existencialistas, as origens da crise contemporânea. Naquela oportunidade, mostramos como Flusser a explicou a partir dos rumos do pensamento moderno. Ele avaliou que o subjetivismo cartesiano radicalizou a distância entre o pensamento e o mundo e não encontrou uma solução possível para a dicotomia, o que contaminou a meditação filosófica posterior que não superou o dualismo. Isso, ele entendeu, foi um dos fatores da crise de cultura porque o homem passou a pensar de forma programada, pois foi preparado para assim fazer. Apesar dos obstáculos, Flusser manteve durante parte da vida, esperança de que a Filosofia encontraria um caminho para o enfrentamento das dificuldades deixadas pelo cartesianismo, preservando a consciência crítica e a liberdade.

A dificuldade epistemológica para compreender o mundo e a vida social estava na raiz da crise de civilização, segundo os fenomenólogos, mas Flusser não ficou nisso. Ele falou do surgimento de uma sociedade de massas que transformou o homem em coisa e que essa realidade social perpetuou a crise. É esse outro aspecto da crise, ela é alimentada pela sociedade de massas. Nesse texto vamos examinar a análise de Flusser da sociedade massas e suas propostas de enfrentamento da crise de cultura.

Metodologia de investigação

Para trabalhar o problema mencionado vamos explicitar o método que utilizaremos. Podemos olhar a vasta obra de Flusser de várias perspectivas, dividindo-a, por exemplo, pelo momento histórico de sua elaboração iniciando pelos escritos da juventude vivida na República Tcheca, passando pelos trabalhos elaborados no Brasil e, finalmente, indicando os últimos estudos preparados na maturidade, quando retornou à Europa e fixou residência na França. Considerar o tempo de sua construção. Podemos, igualmente, estudar o autor a partir de um conceito nuclear, como fez Rodrigo Duarte ao fazer a hermenêutica filosófica de Flusser girar entorno ao conceito de Pós-história ou então destacar a importância da dúvida como questão filosófica nuclear, como fez Gustavo Bernardo. Está bem desses

modos, podemos dialogar com o autor por essas formas. São diferentes portas de acesso a suas teses e na diversidade de perspectivas está a riqueza da análise filosófica.

Vamos utilizar outra metodologia. Vamos dividir seus textos em duas partes. Inicialmente considerando os escritos que descrevem a crise de cultura que vivemos com suas causas e depois olhando os outros trabalhos que contém a proposta de enfrentamento dessa crise e as explicações da proposta. Em resumo, temos uma primeira parte que contempla o diagnóstico da crise e a descrição fenomenológica da sociedade que vivemos e aí estão os estudos sobre a pós-história e uma segunda que passa da descrição da sociedade para o enfrentamento de seus dilemas e explicação de suas raízes.

A metodologia escolhida é didática porque a noção de pós-história culmina na superação da escrita em linha, da consciência temporal e sua substituição pelas imagens técnicas. Os textos que descrevem a sociedade telemática iniciam justo quando se processa essa substituição. Vemos surgir o mundo dos funcionários que utilizam as imagens técnicas, isto é, aquelas feitas pelos aparelhos (máquinas fotográficas, filmes, gravações, etc.) e usam mais recentemente outros aparelhos como os smartphones e o computador e as formas de enfrentamento dessa massificação. Na prática é difícil dizer se estamos na primeira parte e se passamos para a segunda em alguns dos livros de Flusser. Essa metodologia tem que enfrentar a dificuldade de incluir a preparação do conceito de pós-história a partir dos trabalhos sobre a história escritos nos tempos vividos no Brasil, como detalha Rodrigo Duarte.

O método escolhido tem caráter hermenêutico. A noção de pós-história reconstrói, de forma criativa, a compreensão flusseriana de que o historicismo do século XIX estava superado e isso é interessante, mas não era novidade quando considerou o assunto. Ortega y Gasset, por exemplo, já explicara porque as ideias de Hegel e Marx não serviam para tratar o mundo no início do século passado, embora tivessem sido essenciais para entender o século XIX. No século passado os herdeiros e intérpretes de Hegel e Marx forçavam os fatos caber na teoria (Ortega y Gasset, v. V, 1994, p. 419): “Quando Hegel se aproxima da História sabe de antemão o que nela se passou (...) chega ao histórico autoritariamente, não com ânimo de aprender com a história, mas, ao contrário, disposto a verificar, se a evolução se portou bem, quero dizer, se ajustou-se à verdade da filosofia que descobriu.” Flusser segue Ortega y

Gasset e os outros fenomenólogos como Edmund Husserl que recusaram o progressismo historicista, que prendeu os fatos num futuro grandioso e inexorável. Esses pensadores também recusaram as ideias econômicas de Marx e Engels pelas mesmas razões. Essa constatação é importante porque qualquer intelectual de nossos dias sabe que defender o humanismo ou uma sociedade mais fraterna não significa retornar ao marxismo ou ao comunismo, muito menos repetir o historicismo moderno como aqueles de Giambattista Vico, Johann Gottlieb Fichte, Friedrich Wilhelm Joseph Schelling e Augusto Comte. No entanto, a recusa desses historicismos não representa, para os fenomenólogos e existencialistas, a rejeição da consciência histórica ou da possibilidade de pensar a história em fases como fez Karl Jaspers, pois sem consciência histórica não há identidade pessoal ou nacional. Recusar a historicidade da consciência é um equívoco de quem despreza os estudos históricos. Além do mais, perde-se o recurso extraordinário de recuperar no passado elementos para construir pontes para o futuro. Nisso está o problema dessa parte de suas ideias. O motivo da recusa do historicismo parece vir da rejeição do judaísmo e do cristianismo, o que acabou por impedi-lo ver a história rumo a um futuro generoso, conforme a fé judaica preconiza. Recusa porque atribui a raiz judaico-cristã do ocidente a responsabilidade pelas escolhas que levaram a Auschwitz. Para o filósofo, o campo de concentração é um produto característico do ocidente, afirma (Flusser, 1983, p. 11): “o inaudito em Auschwitz não é o assassinato em massa, não é o crime. É a reificação derradeira de pessoas em objetos uniformes, em cinza.” A razão é que, por traz do campo de extermínio, a contemporaneidade colocou para funcionar um aparelho capaz de transformar o homem num objeto, retirando dele sua dignidade e singularidade, tornando-o coisa descartável e substituível. Essa realidade nos coloca diante da necessidade de descobrir como continuar a viver numa cultura que chegou a tal barbárie. Vejamos o que o filósofo entende.

A sociedade de massas

Para continuar a viver, depois de Auschwitz, Flusser considerou ser necessário entender como é a sociedade de massas depois da Segunda Grande Guerra. O fenômeno já fora estudado por Ortega y Gasset, mas o foco eram períodos anteriores àquela Guerra.

O homem contemporâneo, que Flusser descreveu como funcionário, é um tipo humano próximo, pelo comportamento social, ao homem-massa de Ortega y Gasset, isto é, alguém que perdeu as crenças que o guiavam na vida e agora, por suas limitadas capacidades intelectuais e sem perceber uma forma adequada de viver, limita-se a realizar um trabalho técnico. Ortega y Gasset enfatizava ainda a imaturidade emocional e a irresponsabilidade desse indivíduo. Esse último aspecto vem de ter assumido um modo (Ortega, 1994, v. IV, p. 207): “deficiente de ser homem por ser ele um menino mimado”. Quanto a irresponsabilidade e a incapacidade de escutar os outros, isso decorre do (*ibidem*): “contentamento consigo mesmo, que o leva a fechar-se a toda influência exterior, a não escutar, a não colocar em discussão seus juízos e opiniões e não contar com os demais.” Flusser encontra-se próximo de Ortega quando enxerga que a incapacidade de compreender o mundo de uma forma ampla acaba reforçando um comportamento infantil e limitado do homem contemporâneo. O homem-massa de Flusser não compreende mais a linguagem discursiva ou crítica e também não acredita nela. Porém, como seu antecessor é infantil e incapaz de lidar com o mundo.

Não é difícil de enxergar no homem-funcionário de Flusser uma atualização do homem-massa orteguiano transposto para a sociedade pós-industrial, sem consciência de suas limitações na forma de compreender a realidade. Ambos têm limites graves no modo de compreender o mundo, que os faz também produtores da crise da civilização contemporânea. Então a crise de civilização não é só da consciência como entendeu Edmund Husserl, mas também da maneira de se relacionar com o mundo. Apesar dessa proximidade é preciso cuidado na comparação, pois o conceito homem-massa, foi empregado também por Flusser, mas se limita ao personagem da sociedade industrial, a saber, é (Flusser, 1983, p. 33): “o operário se assume massa, e a classe dominante como martelo.”

O homem-funcionário é o que o homem-massa se tornou em nossos dias, pois a descrição orteguiana foi precisa, na avaliação de Flusser, para as primeiras décadas do século passado. O funcionário é o homem-massa da segunda metade do século XX. Alguém programado para agir enfeitiçado nas situações sociais porque se tornou funcionário de um aparelho e vive para servi-lo, isto é, (*id.*, p. 83): “está programado para tanto. Até com a informação histórica, agirá magicamente.” O filósofo falava de uma programação sutil que

(Flusser, 2011, p. 88): “penetra nossos olhos e nossa consciência sem ser percebida, alcançando regiões subliminares, onde então funcionam.” Assim, o funcionário capturado pela programação vive como parte de um aparelho ou sistema pelo qual espera ter os direitos reconhecidos. Nessa sociedade, como todos são funcionários, ninguém é responsável pelo que ocorre, nem pela premiação dos trabalhadores, tudo é parte de um sistema que funciona por si mesmo. Tudo funciona automaticamente com a perda da linguagem em linha e da consciência histórica. As imagens dos aparelhos passam a representar o mundo e o farão com os símbolos novos diferentes dos usados até aqui.

Quanto à irresponsabilidade moral, vimos anteriormente que Ortega y Gasset reconheceu que o homem-massa é frequentemente irresponsável e alienado porque se fecha ao que pensa diferente e não percebe as próprias limitações. No entanto, avaliava o espanhol, nem todo homem age assim, pois sempre há aquele que diante dos desafios (Ortega, 1994, v. IV, p. 182): “sente desassossego e inventa novas formas mais difíceis, que o oprimam. Isso é a vida nobre. A nobreza se define pela exigência, pelas obrigações.” O nobre se cobra uma solução nova quando a vida estabelece desafios diferentes. Em outras palavras (*ibidem*): “equivale, pois, nobre, a esforçado ou excelente.” E esse tipo é aquele capaz de orientar a massa, pode propor uma vida genuína e assumir ou reassumir o protagonismo dos acontecimentos. Há esperança de que assim ocorra. Segundo o filósofo espanhol, a minoria não deixou de cultivar a excelência, apenas abandonou o protagonismo da história, cabe instigá-la a voltar a ser, urge que ela eduque o homem menos nobre, tema que Ortega enfrentou em *Misión de la Universidad*. A educação do homem comum deve ajudá-lo a entender a vida e seus desafios aprendendo como caminhar quando a realidade muda (id., p. 321): “Cultura é o que salva do naufrágio vital, o que permite ao homem viver sem que sua vida seja tragédia sem sentido ou radical envilecimento.” Flusser mencionou a recuperação do senso de humanidade desse funcionário que vive numa sociedade de funcionamento automático. Ele acredita que esse novo ambiente possa substituir a escola naquele papel de recuperação do homem que Ortega entregou à universidade. Ele explicou (Flusser, 1983, p. 321): “é extremamente urgente tentar instaurar a sociedade telemática para devolver a dignidade humana a esses pseudo-seres humanos, caso eles ainda não sejam capazes disso.” E o que é essa sociedade? É aquela (Flusser, 2014, p. 321) “em que tudo aquilo que pode ser

automatizado está automatizado e todo o resto é tele. Tele vem de meta, telos. A meta é a ação de trazer algo que está longe para perto.” A sociedade telemática é aquela que organiza as informações de forma inovadora e exige preparação longa e penosa, pois promove um rompimento com os programas que aí estão. E quando trago o que está longe para perto o que aparece para mim? Uma enorme confusão (id., p. 322): “A terra se tornou um corpo celeste e, portanto, todas as esperanças pelo reino dos céus foram esquecidas, (...), mas o problema é que foi revelado que em toda a parte reina a mesma porcaria, a mesma injustiça.” Esse trazer para perto não é expressão geográfica, mas um encontrar-se diante do outro numa relação subjetiva. E nessa relação é possível restabelecer a humanidade do homem. Aqui temos o outro homem sendo reconhecido em sua dignidade e valor, ele explica (Flusser, 2014, p. 326): “quando me comunico telematicamente com meu amigo em São Paulo, não só o espaço se curva e ele vem a mim, e eu vou a ele, mas o tempo também se curva.” Porém, ao contrário do que sonhou o filósofo os espaços de comunicação subjetiva irão desaparecer à medida que evolui a sociedade telemática e o próprio Flusser percebeu isso ao mostrar que o controle de um aparelho por outro será cada vez mais sofisticado.

A sociedade telemática, segundo Flusser, deverá eliminar a escola como a conhecemos porque a instituição não terá mais relevância social. Se o diagnóstico da sociedade de massas se aproxima da interpretação de Ortega y Gasset, a proposta de eliminar a escola e a universidade se afastam do que sugeriu o espanhol. Diz Flusser (id., p. 309): “vivemos na escola a maior parte do tempo, como na Idade Média, com a diferença de que na Idade Média a escola tinha uma posição privilegiada.” Ao frequentar a escola medieval e chegar a universidade o estudante podia ao final ganhar o título de doutor ou ir para a fogueira como anátema, o que significava a expulsão da Igreja e por consequência reprovação enérgica e condenação à morte. Dentro dessa Universidade, o papel da Filosofia era o de auxiliar na compreensão das questões teológicas, mas esse papel foi superado na universidade moderna.

No caso de Flusser, foi a perda da fé que o levou a rejeitar o pensamento histórico e suas teorias modernas. Seu desencanto com o ocidente decorreu de sua experiência com os nazistas e com a perseguição aos judeus na Segunda Guerra. Flusser avaliou que os instrumentos de destruição utilizados pelos nazistas estavam presentes na objetivação da

pessoa inserida no projeto historicista judaico-cristão que forma a espinha dorsal do ocidente. E então recusou o instrumento de destruição de sua família, voltando-se contra o ocidente e sua alma judaico-cristã, sua fé transcendente e seus valores culturais. Ao recusar o historicismo ocidental, Flusser reagiu contra a transformação do homem em coisa ou funcionário. Portanto, pode-se concluir que o homem-massa ou funcionário não lhe parecia um desvio de rota como pareceu a Ortega y Gasset, mas a concretização da essência da cultura ocidental. Recusando a fé religiosa, a espiritualidade humana mesmo no sentido fenomenológico, Flusser construiu uma antropologia materialista de inspiração psicanalítica, seguindo outro judeu que se desencantou do judaísmo: o criador da psicanálise Sigmund Freud. O grande psiquiatra, à parte de sua enorme contribuição para entender a alma (psique) humana, de forma diferente de Flusser fez o mesmo que ele, atribuiu à fé e cultura judaica a razão da perseguição do seu povo. Freud defendeu essa tese em *Moisés e a religião monoteísta*. Flusser, por sua vez, radicalizou a recusa na fé judaica desejando matá-la e colocar outra em seu lugar. Nesse sentido, a sociedade que via nascendo, a nova sociedade de massas parecia-lhe o ponto de chegada do ocidente ou do projeto histórico judaico-cristão. Auschwitz foi a maturação, não um desvio do núcleo do processo.

Deixando à parte a conclusão de que o holocausto é o fruto maduro da tradição judaico-cristã do ocidente, sua descrição da sociedade atual, dominada pelas máquinas, parece uma atualização bem concebida da sociedade de massas de Ortega y Gasset. Flusser argutamente observou os aspectos de uma sociedade de massas que vive não mais num capitalismo industrial, mas num novo tempo do capitalismo. Também notou que o homem-massa não era apenas infantil, birrento e bárbaro como dizia Ortega, mas um usuário de uma linguagem tecnológica, que abandonou a consciência crítica e histórica ligada ao judaísmo. A irresponsabilidade com os destinos da sociedade, dá ao tempo das massas oportunidade para a emergência de governos ditatoriais entorno a figuras toscas e desumanas como o nazista Adolf Hitler e a versões contemporâneas desse tipo de liderança. Parece que o pensador anteviu o renascimento da extrema-direita e de seu desprezo pelo humanismo, pelos direitos humanos, pela pauta ambiental, pelos estudos das humanidades, enfim pela racionalidade, inclusive a científica. Para Flusser, existe, na sociedade telemática em construção, uns poucos responsáveis pela programação dos aparelhos no centro da vida

humana e seriam eles os responsáveis por vencer a mecanização dos aparelhos, oportunizando o surgimento de uma sociedade mais humana e feliz.

Considerações finais

1. Propusemos como metodologia de trabalho contornar a construção historicista e evitar ler a filosofia de Flusser por um conceito nuclear. Isso fez Rodrigo Duarte ao ler Flusser a partir do conceito de Pós-história ou, ainda, Gustavo Bernardo quando o leu a partir da dúvida. Preferimos diferenciar a descrição da sociedade de massas de suas consequências e propostas de superação. Isto é, aceitando como boa contribuição o estudo da sociedade de massas, mas rejeitando o caminho de seu enfrentamento.

2. A proposta de superação da sociedade dos aparelhos é frágil. Isso porque ele confia que se possa restabelecer a vivência intersubjetiva, acredita ser possível recompor a tradição humanista com programadores que burlam os programas vigentes. Uma tal solução é um sonho inimaginável num mundo digital como se vai desenhando. Se a sociedade de funcionários estiver organizada como ele propôs, se os funcionários viverem em função dos aparelhos, nela não haverá espaço para dissidentes. Além do mais é inocência imaginar que, se as previsões de Flusser se confirmarem, não haverá um controle central dos aparelhos contra o qual rebelar-se será impossível.

3. Se a superação da sociedade de massas não virá de funcionários dissidentes pois isso será inviável, também não virá de um *homo ludens* como ele também sugeriu. Se uma sociedade de aparelhos não abrirá espaço para a dissidência, ela também terá controle dos mecanismos de distração. Além disso, a vida não é brincadeira, embora brincar seja parte da vida. Portanto, nem nosso futuro pode depender de programadores dissidentes que não pensam de forma crítica, nem de um humanismo baseado numa vida orgástica levada a efeito diante da tela de computadores.

4. É também difícil acatar que a nova linguagem dos aparelhos, que substituirá o pensamento em linha, lógico e crítico, se fará contrapondo-se a ele. Ele diz que (Flusser, 2008b, p. 19): “estes códigos novos serão decifráveis apenas contra o fundo redundante do código estabelecido.” Se assim for, a comparação entre as imagens técnicas e os antigos meios de comunicação é justamente o que faz a consciência histórica e crítica, que ele

entende estar sendo substituída pelos mecanismos imagéticos. Mesmo que a consciência histórica não seja mais como foi até aqui é ainda a consciência histórica que contrapõe o novo ao antigo, permite a comparação e favorece a avaliação e escolha da melhor.

5. Separando a descrição da sociedade de massas das propostas de sua superação podemos avaliar melhor o filósofo. A metodologia que utilizamos mostra os valores e limites do pensamento de Flusser perdido na recusa do humanismo, na substituição da consciência histórica, na rejeição do judaísmo, da transcendência e de Deus. Parece que as dores causadas pela perseguição nazista convenceram Flusser de que nossa cultura não tinha salvação, Auschwitz é a ante sala da destruição do ocidente. Ou mesmo inconscientemente ele desejou a eliminação do modo de vida ocidental responsável pela destruição de sua família. Flusser perdeu-se ao se afastar de sua raiz ocidental e judaica.

6. Flusser encontrou no judaísmo as razões da reificação da pessoa que levaram à crise de civilização, isso porque a doutrina promoveu uma abordagem naturalista do mundo e do homem. Esse raciocínio lembra o instinto de morte de Freud e o fato do psicanalista, ainda que por outra razão, igualmente atribuir aos judeus a responsabilidade pela perseguição que sofriam. Para Freud, ao se apresentarem como filhos preferidos de Deus, os judeus atraíram contra si a energia do instinto de morte que se concretiza na agressão e violência. No freudismo, a pulsão de morte é o impulso em direção à morte e à autodestruição. Quanto à tese de Flusser, ela não se justifica porque ao separar Deus do mundo, o judaísmo e o cristianismo dele retirou o ar de sagrado, mas manteve a sacralidade da pessoa. Assim, o nazismo foi um desvio de rota dos valores da tradição judaico-cristã e não o ponto de chegada dela.

REFERÊNCIAS

FLUSSER, Vilém. **Pós-História, vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: Duas Cidades, 1983. 168 p.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Annablume, 2011. 107 p.

FLUSSER, Vilém. **Comunicologia; reflexões sobre o futuro**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ORTEGA Y GASSET, José. La rebelión de las masas. p. 111-310. v. IV, **Obras Completas**. Madrid: Alianza, 1994.

ORTEGA Y GASSET, José. En el centenario de Hegel. p. 411-430. v. V, **Obras Completas**. Madrid: Alianza, 1994.